

# Selic em 15% oferece oportunidades para quem busca mais rendimento ao investir

Taxa básica de juros deve se manter elevada, e nova ferramenta pode ajudar a planejar metas financeiras com diferentes opções de investimento

Desde junho, o Banco Central manteve a Selic em 15%, o maior patamar desde 2006. Na última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), realizada no fim de julho, a decisão foi fixar a taxa básica de juros após sete aumentos consecutivos, mantendo o nível considerado elevado.

Especialistas do mercado financeiro veem, no entanto, oportunidades para investidores, principalmente em renda fixa. Diante do cenário atual, algumas modalidades têm ganhado destaque em 2025 e podem ser um caminho para aumentar a renda.

## Selic alta traz oportunidades para investidores

Com a Selic em 15% ao ano, a renda fixa volta a atrair atenção. O Tesouro Selic, por exemplo, oferece rendimento líquido real de 6,34% ao ano, sendo uma opção para quem deseja proteger o capital com liquidez diária.

Os CDBs também apresentam oportunidades. Dependendo da instituição financeira, o rendimento varia entre 3,51% e 8,04% ao ano, permitindo ao investidor ajustar a aplicação ao seu perfil de risco.



Aplicações isentas de Imposto de Renda, como LCI, LCA e debêntures incentivadas, também se tornam mais atrativas. Nesses casos, o rendimento real pode superar 10% ao ano, oferecendo ganhos superiores a outros investimentos de renda fixa.

Para efeito de comparação, a poupança deve render 2,14% em 12 meses no panorama atual. Mesmo com a segurança tradicional da caderneta, os títulos de renda fixa atuais proporcionam ganhos maiores em um cenário de Selic elevada.

Por outro lado, é importante avaliar o perfil do investidor e o horizonte de aplicação. Liquidez, risco de crédito e necessidade de recursos no curto prazo devem orientar a escolha entre Tesouro Selic, CDBs

e investimentos isentos de IR, garantindo retorno de forma segura.

## Nova ferramenta ajuda no planejamento

Com a Selic em alta, planejar investimentos de longo prazo exige estratégia. Diante disso, a Hurst Capital, especializada no mercado financeiro, desenvolveu a Calculadora do Milhão, que projeta quanto tempo será necessário para atingir R\$ 1 milhão.

Para utilizá-la, basta informar o valor já investido e os aportes mensais, permitindo simular diferentes cenários de rentabilidade e comparar várias opções de investimento.

A carteira da Hurst, que inclui renda fixa pós-fixada e ativos alternativos, projeta

retorno de 21% ao ano. Além disso, a ferramenta compara modalidades tradicionais, como CDI (14%), Ibovespa (9%) e poupança (6%), ajudando o investidor a entender como cada escolha impacta o tempo necessário para atingir a meta.

Um diferencial é detalhar a composição do patrimônio final, mostrando quanto provém dos aportes e quanto dos juros acumulados, evidenciando o efeito dos juros compostos. Para especialistas, no cenário de Selic elevada, diversificar a carteira pode ampliar os ganhos.

A planilha interativa também acompanha o saldo mês a mês, permitindo visualizar como aportes e rendimentos se acumulam ao longo do tempo, facilitando ajustes estratégicos conforme o mercado ou objetivos pessoais.

No geral, a ferramenta oferece uma forma prática de planejar metas financeiras de longo prazo. Com juros elevados e alternativas diversificadas, investidores podem maximizar ganhos e traçar um caminho mais eficiente para alcançar os objetivos.

# Indústria precisa investir na resiliência climática para mitigar riscos e prejuízos

Wander Pascini da Silveira (\*)

Os desastres climáticos aumentaram no Brasil nos últimos anos e cresceram em 250% no período de 2020 a 2023 em comparação com a década de 1990, segundo estudo da Aliança Brasileira pela Cultura Oceânica, coordenada pelo Programa Maré de Ciência da Universidade Federal de São Paulo, pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em parceria com a Fundação Grupo Boticário.

O estudo aponta que ocorreram no Brasil 6.523 desastres climáticos na década de 1990 e no período de 2020 a 2023 esse número subiu para 16.306. O aumento dos desastres climáticos reforça a importância do setor produtivo investir na resiliência climática para reduzir riscos à sua infraestrutura e produção.

Segundo o estudo Panorama dos Desastres no Brasil, da Confederação Nacional de Municípios (CNM), no período de janeiro de 2013 a dezembro de 2024, desastres de origem natural e de origem tecnológica geraram prejuízos de R\$ 732,2 bilhões no Brasil. Os eventos de causas naturais foram os maiores responsáveis pelos prejuízos, a seca e a estiagem geraram perdas de R\$ 413,2 bilhões e o excesso de chuvas gerou um prejuízo de R\$ 215 bilhões, no período analisado.

Um exemplo recente do impacto dos desastres naturais na economia foram as enchentes no Rio Grande do Sul de 2024. O Boletim regional do Banco Central do Brasil, lançado neste ano, analisou os Impactos das enchentes de maio na atividade econômica e no mercado de trabalho do RS.

Segundo a publicação se for desconsiderada a participação da agropecuária, que mitigou suas perdas por ter colhido boa parte da safra de verão e não ter iniciado o plantio da safra de inverno quando as enchentes atingiram o estado, o Índice de Atividade Econômica Regional do Rio Grande do Sul cresceu 2,7% em 2024, abaixo da média de 3,8% dos demais estados brasileiros.

A indústria de transformação foi o setor mais afetado no primeiro momento. Em maio, a produção industrial caiu 26,4% em relação a abril. A contração decorreu da paralisação total ou parcial de diversas unidades produtivas e dos danos à infraestrutura logística. No acumulado do ano, a indústria de transformação do Rio Grande do Sul cresceu 0,6%, abaixo da média de 3,9% dos demais estados.

## Processos estáveis demandam resiliência climática

Entre os setores que formam a indústria de transformação do Rio Grande do Sul a mais afetada, no primeiro momento, foi a indústria química, que teve uma queda de 59,2% no mês de maio em relação a abril e recuperação de 156,6% em junho. O estado é responsável por 11,2% da produção nacional de químicos, segundo a Confederação Nacional da Indústria (CNI), e abriga o Polo Petroquímico do Sul, na cidade de Triunfo a 52 quilômetros de Porto Alegre.

A rápida recuperação do setor mostra a importância da resiliência climática. As empresas do Polo conseguiram fazer uma paralisação programada de suas atividades quando as enchentes impactavam o acesso de colaboradores e de matéria-prima.

A paralisação programada é uma atividade complexa que pode demandar até três vezes mais colaboradores do que durante o processo de produção e é importante para manter a segurança das instalações, dos colaboradores e da comunidade do entorno, além de possibilitar retomar a produção mitigando qualquer risco.

A indústria química precisa investir na resiliência climática de plantas produtivas e áreas de armazenagem, pois além de todos os problemas que uma enchente causa em qualquer atividade produtiva, muitos insumos do setor são sensíveis e podem sofrer alterações devido a mudanças bruscas de temperatura ou contato com a água.

Um ambiente que proporcione processos produtivos estáveis demanda constantes investimentos na realização de avaliações de impactos dos riscos climáticos e por consequência na resiliência das infraestruturas das plantas industriais e áreas de armazenagem, além de investimentos em veículos especializados para o transporte e no estudo de rotas logísticas mais seguras.

Outros fatores que levaram a indústria química a aumentar sua resiliência climática é o uso intensivo de água e energia no processo produtivo. Reduzir a dependência do fornecimento de água e energia é fundamental para o setor aumentar sua sustentabilidade, reduzir custos produtivos e manter o máximo de autonomia em cenários de crise causados por desastres climáticos. Atualmente é comum as plantas industriais terem sistemas para captar e reutilizar a água das chuvas e a geração de energia por meio do reaproveitamento de subprodutos, uso do vapor gerado no processo produtivo ou captação de energia solar.

## Adaptação constante

Conforme a indústria química investe no desenvolvimento de produtos com matéria-prima de base renovável o setor aumenta sua exposição a riscos relacionados a eventos climáticos extremos "no lado de fora do portão". Os riscos de quebras de safa, obrigam o setor a homologar e desenvolver processos produtivos que usem biomassas, subprodutos de diferentes tipos de cultivos como soja, arroz, milho, mamona e canola, para reduzir riscos de falta de matéria-prima.

O relatório Economic of Adaptation, do Banco Mundial, estima um prejuízo anual global entre US\$ 77,6 bilhões e US\$ 89,6 bilhões, resultante dos eventos extremos até 2050. Conforme esses eventos oriundos das mudanças climáticas estão mais constantes e afetam o ambiente de negócios, como a indústria química que está na base da cadeia produtiva, aumenta a importância do setor desenvolver novos processos e produtos mais sustentáveis, que reduzem suas emissões e de seus clientes.

Investir na resiliência climática também é fundamental para o controle de custos. Além dos prejuízos relacionados a danos à estrutura, paralização de plantas produtivas, outra consequência é o aumento de custos com apólices de seguros e nem sempre os prejuízos são resarcidos. Segundo o relatório "Weather, Climate & Catastrophe Insight: 2019 Annual Report", da seguradora AON, de 409 desastres naturais, que resultaram em perdas econômicas de US\$ 232 bilhões, apenas US\$ 71 bilhões foram cobertos pelas seguradoras.

O gerenciamento do risco climático é fundamental no planejamento das empresas, independente do tamanho e sua área de atuação. As experiências e ações desenvolvidas pela indústria química podem ajudar outros setores a entenderem a importância de analisar os riscos associados aos eventos climáticos extremos, reduzir sua exposição e desenvolver soluções para amenizar paralizações e dificuldades na retomada da produção.

## Cinco dicas para escolher a melhor alternativa de crédito em tempos de juros altos



4) **Tenha cuidado com empréstimos pessoais e crédito no cartão** - Empréstimos pessoais e crédito rotativo do cartão são rápidos, mas costumam ter os juros mais altos do mercado chegando a 30% ao ano no caso dos empréstimos e até 300% ao ano no cartão. Se precisar recorrer, compare taxas, prefira opções com garantia e, no cartão, evite ao máximo o rotativo. Se for parcelar a fatura, busque condições mais acessíveis.

5) **Use o home equity a seu favor se tiver imóvel quitado** - O home equity, em que o imóvel é usado como garantia, costuma oferecer juros menores do que empréstimos tradicionais. Pode ser uma boa saída para quem precisa de valores mais altos, mas é fundamental que as parcelas caibam no orçamento. Sempre faça simulações para entender o impacto no fluxo de caixa antes de contratar.

Em um cenário de juros altos, escolher a melhor alternativa de crédito exige planejamento e análise. Comparar opções como financiamento, consórcio, empréstimo pessoal, crédito no cartão e home equity tornou-se essencial para não comprometer o orçamento. Diante dessa situação, Elisa Manzato, CEO da Zupera, destaca: "Na Zupera, nosso objetivo é orientar os consumidores a tomar decisões financeiras conscientes e identificar a solução de crédito que melhor se adapta ao seu perfil", finaliza.

Especialista explica como financiar com segurança, evitar armadilhas e planejar decisões financeiras mais estratégicas.

Com a taxa Selic em patamares elevados, reflexo das recentes políticas econômicas, os consumidores brasileiros enfrentam condições de crédito mais restritivas. Dados de 2025 do Banco Central indicam que a Selic se manteve em 15% ao ano, evidenciando o impacto sobre o orçamento da população. Nesse contexto, contratar financiamentos e empréstimos exige planejamento cuidadoso, já que o custo do crédito subiu de forma expressiva.

Para orientar nesse cenário, Elisa Manzato, CEO da Zupera, plataforma especializada em inteligência financeira, compartilha dicas práticas sobre como escolher a melhor alternativa de crédito e evitar o endividamento excessivo:

**1) Avalie o impacto dos juros antes de assumir um crédito** - Com a taxa Selic elevada, os custos de financiamentos e empréstimos ficam mais caros. Isso significa que o valor final pago pode ser muito maior do que o inicialmente contratado. Antes de decidir, analise bem todas as alternativas e simule o custo total do crédito para evitar surpresas.

**2) Considere o financiamento imobiliário com cautela** - O sonho da casa própria pode ficar mais caro em períodos de juros altos, já que as taxas anuais podem variar entre 8% e 12%. Use o simulador da Zupera para calcular o tipo de crédito, valor das parcelas e prazos de aquisição do bem. Se os custos estiverem elevados demais, pode ser melhor esperar por uma redução das taxas.

**3) Explore o consórcio como alternativa sem juros** - O consórcio é uma opção interessante porque não tem juros, apenas taxa de administração. Ele exige paciência, já que a contemplação depende de sorteio ou lance, mas pode ser uma solução econômica para quem não precisa do bem imediatamente. Em tempos de Selic alta, pode sair bem mais vantajoso que um financiamento.

Para veiculação de seus Balanços, Atas, Editais e Leilões neste jornal, consulte sua agência de confiança, ou ligue para

3106-4171